

CORREIO CULTURAL



Cartaz oficial do encontro das duas bandas no Maracanã

Faith no More e System of a Down juntas no Brasil

As bandas System of a Down e Faith No More se apresentarão juntas no Brasil em 15 de janeiro, no Maracanã. Batizado de “One Night Only”, o evento será a única apresentação dos grupos na América do Sul e não terá datas extras no continente.

O show marcará o retorno do Faith No More aos palcos após uma década. A última apresentação ao vivo do grupo liderado por Mike Patton

ocorreu em agosto de 2016, no encerramento da turnê do álbum “Sol Invictus”.

Já o System of a Down esteve no Brasil pela última vez em maio de 2025. A banda fez três apresentações em São Paulo, além de shows em Curitiba e no Rio.

O encontro entre os grupos foi anunciado em julho. As primeiras apresentações da turnê estão previstas para o início de 2027, na Austrália.

A força do teatro universitário

Celeiro de novos talentos da cena, o Festival de Teatro Universitário (Festu) volta ao Teatro Carlos Gomes, em sua 16ª edição, com 16 esquetes concorrentes que serão apresentados entre sexta e sábado (21 e 22) com a final da competição no domingo. A edição deste ano traz estudantes de diferentes instituições de ensino de todo o país, entre as quais a UnB, Uni-Rio, Casa de Artes de Laranjeiras, Escola Martins Penna, Tablado e o coletivo TransParente.

Papo literário

A escritora mineira Cidinha da Silva estará no Rio nesta sexta (21) para uma conversa com a cientista Nina da Hora na Janela Livraria de Laranjeiras (General Glicério, 324), a partir das 19h, sobre o livro “Quando borboletas furiosas se tornam mulheres negras” (Relicário Edições).

IMAX à brasileira

Primeiro filme brasileiro lançado em IMAX, “2DIE4: 24 Horas no Limite” estará disponível para aluguel e compra na Apple TV em 4K, HDR e Dolby Atmos a partir desta quinta (20). O filme acompanha o piloto brasileiro Felipe Nasr durante a lendária 24 Horas de Le Mans.

Retiro dos Artistas leiloa itens de Jô Soares

Quatro anos após a morte de Jô Soares, itens que pertenceram ao humorista e apresentador poderão ganhar novos donos. O Retiro dos Artistas promove a partir desta quarta-feira (19) um bazar beneficente com roupas, chapéus, cintos, quadros e outros objetos que fizeram parte do acervo pessoal do artista.



Divulgação

O corpo ausente que ocupa o palco

Em cartaz no Sesc Copacabana, ‘Sem Corpo Não Há Aqui’ transforma o luto compartilhado por madrastra e enteada em dança-teatro

O vestido que Joana Lerner veste em cena não foi feito para ela. Criado por Marcelo De Gang para o solo “Dagmar e Su Espelho”, da bailarina Giselda Fernandes, pertencia a outro corpo, outro gesto. E agora é usado por pela enteada da bailarina, num espetáculo em que as duas se apresentam juntas pela primeira vez, já diz boa parte do que se passa em “Sem corpo não há aqui”: coisas que eram de alguém se deslocam, ganham outra respiração — e é nesse trânsito que a memória se faz presente.

Em cartaz na Sala Multiuso do Sesc Copacabana até o dia 26, o espetáculo de dança-teatro com direção e dramaturgia de Isabel Cavalcanti é construído sobre um deslocamento mais fundo do que o de um vestido emprestado. Giselda Fernandes e Joana Lerner são madrastra e enteada na vida real. Há dois anos, perderam o marido e pai, o artista plástico Hilton Berredo — parceiro de vida e de arte de Giselda desde 1986, diretor artístico da Os Dois Companhia de Dança, cia fundada por ela em 1992 e hoje uma das mais longevas da cena carioca.

Berredo morreu no início de 2024, deixando um vazio afetivo e criativo: era ele quem assinava a cenografia, os vídeos, a concepção visual dos espetáculos.

A tarefa de transformar esse luto compartilhado em ficção caiu sobre Isabel Cavalcanti. Indicada aos prêmios Shell, Cegranrio e Arte Qualidade Brasil, autora de um livro sobre Samuel Beckett — quem sabe o maior dramaturgo da ausência —, ela tinha diante de si um desafio que transcende a encenação.



Guto Muniz/Divulgação

Giselda Fernandes e Joana Lerner em ‘Sem Corpo Não Há Aqui’

“Como realidade e ficção se misturavam o tempo todo nesse processo, precisei criar um espaço em que elas se sentissem seguras para expor as dores, alegrias, memórias, os conflitos, encontros e desencontros existentes entre elas”

ISABEL CAVALCANTI

“Como realidade e ficção se misturavam o tempo todo nesse processo, precisei criar um espaço em que elas se sentissem seguras para expor as dores, alegrias, memórias, os conflitos, encontros e desencontros existentes entre elas e, simultaneamente, transformar isso tudo em ficção, em dança-teatro”, diz Isabel.

A articulação entre fala e movimento não veio de imediato. A diretora propôs que cada intérprete criasse partituras corporais a partir da história do próprio corpo. Foi da observação dessas partituras que nasceu a necessidade de também dizer com palavras. “Fui entendendo aos poucos o fluxo entre movimento e fala. E a dramaturgia foi se costurando. Tudo é dança, afinal: a palavra e o

gesto”, explica. A frase tem ironia delicada: meses de noites insones para chegar a uma dramaturgia em que as palavras se dissolvem no gesto — operação que Beckett perseguia em suas peças, onde a linguagem se esgota e o corpo diz o que a palavra não consegue.

SERVIÇO

SEM CORPO NÃO HÁ AQUI

Sala Multiuso do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 26/8, quintas e sextas (19h) | sábados e domingos (17h)

Ingressos: R\$ 40, R\$ 36 (convênios), R\$ 28 (sócio Sesc), R\$ 31 (convênio empresário), R\$ 20 (meia) e grátis (PCC)